



YVES CONGAR. Foto © Arquivo da Ordem dos Pregadores

Uma das figuras gigantes da teologia cristã do século XX, morreu há 25 anos – completados no dia 22 de Junho. Sobre **CONGAR** alguém teria dito que o Concílio Vaticano II, que promoveu a reforma do catolicismo, era ele.

Yves Congar,

uma viva fonte
de inspiração

1. O dominicano **YVES CONGAR** foi um dos maiores teólogos do século XX e continua a ser o eclesiólogo incontornável pela grande viragem que provocou nas abordagens da história e da vida da Igreja. Muito lutou e sofreu por publicar as suas investigações que punham em causa tabus, doutrinas e apologéticas que sufocavam a revisão teológica da sua história e impediam as reformas de que precisava para se abrir às outras Igrejas cristãs, ao universo das outras religiões e ao mundo contemporâneo.

A introdução de um livro fascinante, sobre a sua biografia intelectual e sobre o percurso temático da sua teologia, abre com uma declaração atrevida, mas espantosamente justa. Dizem os seus autores que se pode aplicar ao teólogo Yves Congar aquilo que o filósofo Étienne Gilson tinha afirmado do padre Chenu: “Um padre Congar, só existe um em cada século!”^[1]

Nasceu em 1904 e faleceu em Paris a 22 de Junho de 1995 – fez agora 25 anos! O funeral foi celebrado na catedral de Notre-Dame de Paris. Os seus restos mortais repousam no cemitério de Montparnasse, ao lado da sepultura que evoca a vida do seu confrade e grande amigo, Marie-Dominique Chenu. A sua vida e a sua obra continuam uma fonte de inspiração, para quem ama a Igreja e luta para que nunca se esqueça que a sua lei, e a de todos os seus membros, é a de viver em reforma permanente, na graça do Espírito de Jesus Cristo.

A existência de Y. Congar coincide com o século XX e as suas grandes tragédias e esperanças. Elaborou a sua teologia – em constante evolução e revisão – a partir do centro da vida e da história da Igreja Católica, em diálogo com as outras Igrejas cristãs, na escuta do universo das religiões não-cristãs e das correntes que agitam o mundo.

Nos anos 30 do século passado, em face da crescente descrença e indiferença religiosa, sintetizou o seu diagnóstico perspicaz: *a uma religião sem mundo sucede um mundo sem religião.*

Os autores da obra citada atrevem-se a dizer que o

destino deste teólogo e o da Igreja, no século XX, se confundem. Acompanhou e marcou, sob o ponto de vista teológico, os grandes movimentos eclesiais que desaguaram no Concílio Vaticano II. Muitas vezes, foi ele que os precedeu e preparou. Estou a pensar, especialmente, no *ecumenismo*, na *eclesiologia* em todas as suas facetas, na *teologia do laicado* e nas propostas de *reforma na Igreja.*

O próprio Y. Congar o reconheceu: “Estou impressionado e feliz. As grandes causas que procurei servir chegaram ao Concílio: renovação da Eclesiologia, estudo da Tradição e das tradições, reforma na Igreja, ecumenismo, laicado, missão, ministérios... Isto, além da oração litúrgica e a função doxológica da confissão da fé celebrada: valores em que acredito cada vez mais.”

2. De forma mais global, desde os começos de 1930, entregou-se a uma incansável investigação da Tradição eclesial, desde as suas origens. Foi o retorno às fontes bíblicas, patrísticas e medievais, que lhe permitiu renovar a abordagem de, praticamente, todas as

questões teológicas e eclesiais do seu tempo e de lhes conferir uma profundidade e um alargamento de campos que tinham perdido. Este *reditus ad fontes* permitiu-lhe, também, novas perspectivas e problemáticas que, de facto, até eram profundamente tradicionais, mas que tinham sido ocultadas sob a sedimentação de séculos de teologia pós-tridentina ou “barroca”, conceptualista, apologética e sob o signo da afirmação da autoridade[2].



Congar: “Estou impressionado e feliz. As grandes causas que procurei servir chegaram ao Concílio.” Foto © Arquivo da Ordem dos Pregadores

Os teólogos, muito especialmente os dedicados ao ecumenismo, e os eclesiólogos – e não apenas os católicos – reconhecem uma grande dívida para com ele e confessam que aprendem sempre muito frequentando-o, corrigindo certas posições anteriores, seja quanto ao modo de conceber o diálogo ecuménico, de abordar os ministérios ou de apresentar o papel de Cristo e do Espírito na vida eclesial. Há, nesta figura, uma evolução progressiva e permanente, inteligente, corajosa e leal na percepção espiritual do seu tempo, da sua Igreja e das outras Igrejas.

Congar durante o Vaticano II, onde participou como consultor teológico: “Um aspecto fascinante desta grande figura teológica é a sua capacidade de evoluir com serenidade e de reconhecer, publicamente, esta evolução.

3. Para além dos seus notáveis e inumeráveis estudos, históricos e teológicos, Yves Congar

deixou-nos, em herança, uma postura teológica para a busca da verdade e da unidade cristã. O que dele ficará, sem dúvida, é uma capacidade exemplar de historiador e de vedor, isto é, de detectar as fontes e os filões prometedores, no seio da tradição eclesial, para uma reflexão teológica actualizada. Noutros termos, uma capacidade heurística de reunir e explorar documentos do passado cristão ao serviço da verdade da fé e da unidade das Igrejas. De forma mais ampla ainda, é um método fundado sobre a escuta do real em todas as suas formas, é um espírito, uma inspiração, um sopro evangélico em resposta aos apelos do seu tempo (descrença, outros cristãos, reformismo, outras religiões...). É uma certa concepção das relações entre história e teologia que ensina a não absolutizar nenhuma realidade humana nem que seja a Igreja[3].

Para permitir ao leitor familiarizar-se com esta obra imensa e múltipla, os autores do livro *Yves Congar*, já citado, procuraram estabelecer um itinerário teológico de

toda a sua obra. É um percurso biográfico e temático que oferece as chaves essenciais para apreender este pensamento teológico e o seu modo de elaboração. Tiveram a feliz ideia de completar o livro com uma selecção com 19 textos de Y. Congar que fazem a cobertura das suas principais temáticas teológicas.

4. Conheço razoavelmente bem a sua obra que fui acompanhando, desde os anos 50 do século passado. Tive com ele uma grande entrevista teológica, em 1962, quando já tinha regressado dos seus vários exílios e vivia no convento dominicano de Estrasburgo. Foi um momento muito especial. Em 1966, participei, em Valência, num Congresso de Eclesiologia. Registou as intervenções de vários participantes e privilegiou-me com uma referência imerecida: *Certains posent ces questions d'une manière valable et, au fond, sérieuse, ainsi le P. Dominguez, du Portugal, qui me semble être un homme d'avenir*. Dois dias depois, conta o que eu lhe dissera: *Il faut venir au Portugal; nous y sommes isolés!*[4]. De facto, veio duas vezes a Portugal, às Semanas da Igreja e Missão, e sempre reatámos o nosso afectuoso diálogo.

É reduzida a publicação da sua obra em Portugal, mas valia muito a pena reeditar Yves M.-J. Congar, O.P., *Igreja Serva e Pobre* (Editorial Logos, 1964).

A produção teológica de Yves Congar é imensa. Em 1987, já contava 1.790 títulos. Ainda durante a sua vida, Jean-Pierre Jossua escreveu um livro com o título: *Le P. Congar: La théologie au service du peuple de Dieu* (Cerf, 1967); outros dois importantes: *Jean Puyo interroge le Père Congar. Une vie pour la vérité* (Centurion, 1975); B. Lauret, *Yves-Marie Congar. Entretiens d'automne* (Cerf, 1987).

Um ano depois da sua morte, foi organizado um colóquio, nos dias 3 e 4 de Junho de 1996, absolutamente notável (as actas estão em André Vauchez (dir.), *Cardinal Yves Congar 1904-1995*

(Cerf, 1999); no centenário do nascimento de Y. Congar, sob a direcção de Gabriel Flynn, foi publicada, com a colaboração de peritos de nove países, uma tentativa de análise de toda a sua obra, um livro muito especial: *Yves Congar. Théologien de l'Église* (Cerf, 2007). Para alguém se iniciar no conhecimento da sua obra, recomendo o já referido livro de Joseph Famerée et Gilles Routhier, *Yves Congar* (Cerf, 2008).

Boa leitura!

Lisboa, 2 de Julho de 2020

Notas

[1] Joseph Famerée et Gilles Routhier, *Yves Congar*, Cerf, 2008

[2] Cf. *Op. cit.*, p. 8

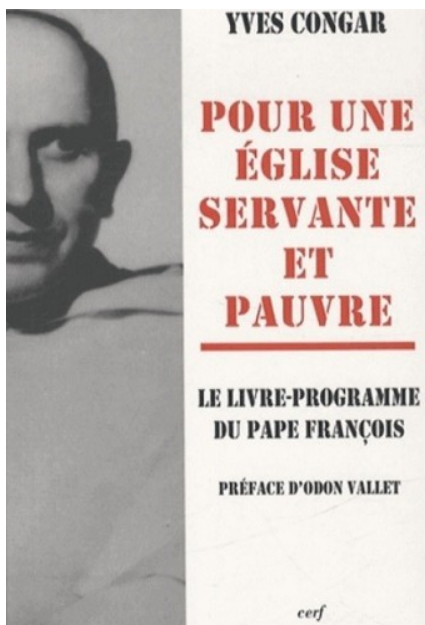
[3] Cf. *Op. cit.*, pp. 8-9

[4] “Alguns fazem estas perguntas de uma forma válida e, no fundo, séria, por exemplo o Pe. Dominguez, de Portugal, que me parece ser um homem do futuro. (...) Tem de vir a Portugal; estamos lá isolados!”, in Yves Congar, *Mon Journal du Concile II*, Cerf, 2002, pp. 524 e 526, onde, em notas, o meu nome vem corrigido.

Frei Bento Domingues, op

<https://setemargens.com/yves-congar-uma-viva-fonte-de-inspiracao/>

Yves Congar



«para uma
igreja serva
e pobre»

Como prometido, vamos então descontraidamente procurar pistas que nos guiem num passeio histórico pelas institucionalizações humanas, mais ou menos ideológicas, "políticas", sempre canónicas, desse corpo místico cuja cabeça é Jesus Cristo, e é, no mundo, conhecido por assembleia ou Igreja dos seus fiéis ou batizados. Pelo Novo Testamento é esse povo, por Cristo, com Cristo e em Cristo, o único sacerdote.

Para frei (e cardeal) YVES CONGAR, a Igreja inicial, ou dos Apóstolos, continua no período dos mártires (não esqueças, Princesa, que mártir quer dizer testemunha) até à paz constantiniana (1ª metade do século IV); segue-se-lhe o período dito "monástico", de que te falei em carta anterior, que mantém o princípio da autoridade episcopal como fator de união, em osmose com a comunidade dos cristãos e com carácter acentuadamente *carismático ou espiritual*. Período definido até ao século XI. Volto a citar-te São Cipriano (2ª metade do século III): *Tenho por regra, desde o início do meu episcopado, nada decidir sem o vosso conselho* (de padres e diáconos) *e sem o sufrágio do povo, algo que fosse só da minha opinião pessoal...* E traduzo o comentário de Yves Congar:

De facto, todo o povo eclesial, e especialmente os leigos, intervinha na eleição dos bispos e na designação dos ministros, nos concílios aonde levavam informações, e, finalmente, na criação dos costumes pelos quais as próprias comunidades regulavam

em grande parte as suas vidas. Contribuição tanto melhor acolhida quanto, apesar de bem estruturada canonicamente, a Igreja primitiva se queria dócil às intervenções do Espírito Santo. Ora, é do agrado de Deus dar a conhecer a sua vontade através do mais pequenos ou menos considerados...

Pergunto-nos, Princesa de mim, se, na atual instituição clerical da Igreja Católica, não acabaremos por estar mais próximos da igreja senhorial, a da classe social chamada "primeiro estado" na nomenclatura sociopolítica medieval (clero, nobreza e povo, lembra-te?), do que da inicial Igreja dos Apóstolos, já que com tanta pujança se mantém o uso - pode dizer-se o costume, a *consuetudo* - das designações dos ministros dos fiéis (diáconos, presbíteros e episcopos, sejam bispos ou arcebispos) como títulos honoríficos e até graus de uma carreira de honras clericais. Assim, continuam a ser nomeados bispos ou arcebispos de dioceses desaparecidas, clérigos nomeados para funções (que, por vezes, nem pastorais são) na cúria vaticana ou, até, junto a entidades estranhas à Igreja. Esquece-se que diácono, padre, bispo ou arcebispo não são patentes nem sequer graus hierárquicos, são designações de prestadores de serviços das comunidades eclesiais. Ou, dito de outra maneira: no povo de sacerdotes que são os batizados, escolhem-se ou elegem-se (como é, claramente, o caso do bispo de Roma ou papa) pessoas preparadas para o

exercício de certas funções da palavra, do culto, dos sacramentos. O conceito - e a respetiva prática socio-eclesial - de uma classe de batizados de primeira (também erradamente chamados, a meu ver, consagrados) gerou a praga do clericalismo, que é sentimento de si e atitude de presumida superioridade de quem pensa deter e poder dispor do poder divino na terra, sobretudo o de absolver erros e pecados, declarar nulidades, ou mesmo ainda o de, no passado, se terem pregado e justificado guerras religiosas. Parece-me indispensável erradicar este mal clericalista... Por isso mesmo penso também que é verdadeiramente justa e digna de louvor a disposição da Igreja denunciar às legítimas instâncias judiciais civis os crimes cometidos pelos seus ministros.

Vai-se alongando esta carta e ainda não cheguei a falar-te de parte do pensar sentir que me inspirou a escrevê-la. Ficará para a seguinte. Todavia, deixa-me dizer-te agora coisas que, creio eu, poderão ajudar a melhor entendermos o que a seguir vier. Sobretudo na medida em que for capaz de te pôr a adivinhar outro rosto de uma Igreja que, sendo mais fiel àquelas que os Apóstolos fundaram, seja também uma comunidade do nosso tempo, mais livre de tantos rebocos e pinturas que lhe foram fazendo, ao ponto de muitas vezes nos esquecermos da sua alma evangélica, para antes a encararmos como uma organização ideológica e jurídica de funcionários do sagrado - ou mesmo como um Estado transnacional, com sistema

jurisdicional próprio e funcionalismo dispensador de passaportes para o paraíso...

Recorro, uma vez mais, a Congar e ao seu ***Pour une Église servante et pauvre***, livrinho que muitos consideram o "livro-programa do Papa Francisco". Refere-se a um artigo de Chateaubriand, publicado a 5 de Julho de 1824 e citado nas *Mémoires d'outre-tombe*, que diz assim (traduzo Chateaubriand): *O tempo reduziu esta monarquia [a francesa] ao que ela tem de real: em política, já se ultrapassou a idade das ficções; já não se pode ter um governo de adoração, de culto e de mistério : cada qual conhece os seus direitos, nada é possível fora dos limites da razão, e até mesmo o favor, última ilusão das monarquias absolutas, é, como tudo o mais, pesado e apreciado nos dias de hoje.* O teólogo e historiador dominicano transpõe assim a inspiração deste trecho:

*A sociedade moderna tende a construir-se sobre a razão, não sobre o sagrado. E pergunto se a Igreja operou a crítica correspondente, ou seja, a dessa parte de profano, de imperial, de feudal e de senhorial, que durante tanto tempo não só tolerou como buscou... Já não há Sacro Império, mas muitos títulos e insígnias, muitos cerimoniais ou ritos de visibilidade do seu prestigiado esplendor ficaram na Igreja... Não será já tempo, não haveria benefício nisso, de «**sacudir a poeirada imperial que se foi depositando, desde Constantino, no trono de São Pedro?**»*

O dito é de João XXIII...

Creio que nos será ainda útil respigar e traduzir mais uns trechos de frei Yves Congar, que nos ajudarão a melhor considerar certos aspetos ou facetas da Igreja que, sendo historicamente datados e circunstancialmente explicáveis, tendem muitas vezes a ser apresentados como traços essenciais da tal "Igreja fundada por Cristo"... Vou busca-los a um capítulo que aquele autor dominicano intitulou *L'invasion du juridisme*:

Se interrogarmos os Padres [os Padres da Igreja, a Patrística] e a liturgia sobre o sentido que dão à Igreja, damos connosco num clima diferente do da eclesiologia moderna, pelo menos da que tem prevalecido nas escolas desde finais do século XVI ou quiçá começos do século XIV e a renovação atual [Vaticano II]. Essa eclesiologia das escolas mais não era do que a versão apologética de um tratado de direito público eclesiástico: só falava de poderes e direitos. Os Padres, a liturgia, falam de Igreja em termos de vida e comunidade espirituais, de Cidade santa, de combate espiritual do espírito contra a carne. Dela falam com os símbolos ou tipos dos patriarcas, de Rahab, a cortesã salva pela fita vermelha que põe à janela e pressagia a fé no sangue de Cristo, de Madalena, a impura que se torna pura, da Virgem Maria, mais feliz por ter acreditado do que por ter gerado Jesus Cristo... É que a Igreja deles é feita do conjunto dos homens que se convertem ao Evangelho. A sua eclesiologia inclui uma antropologia e os meios

(sacramentos, regras de vida santa) pelos quais os homens podem viver na comunhão com Deus em Jesus Cristo.

... A alta Idade Média, e os grandes escolásticos, são ainda largamente tributários de tal perspectiva... Mas, pelo final do século XI, impõe-se a reforma gregoriana (de Gregório VII, papa): ... para operar a necessária conversão do clero, libertando-o do mal do nicolaísmo (incontinência) e sobretudo da simonia [transação comercial de bens religiosos] pela retirada da Igreja da sujeição a poderes laicos, reforçando a autoridade do papado e, conseqüentemente, a ação deste.

Desta conjuntura surgirá necessariamente a procura e elaboração de um ordenamento jurídico da sociedade eclesial, donde o desenvolvimento do direito canónico cuja proeminência se revelará, por exemplo, no facto de que, após Alexandre III (papa de 1159 a 1181) e por dois séculos, quase todos os papas terem sido juristas, não apenas canonistas mas também doutores *in utroque jure*, isto é em direito romano e eclesiástico. Escreve frei Ivo:

Esse desenvolvimento, essa ascensão do direito serviram sobretudo o papado nos conflitos com as potências seculares, conflitos

*esses que cobrem todos os «séculos de fé»: são os séculos da «cristandade», ou seja, esses em que, idealmente, os dois poderes são como os dois braços de um mesmo corpo, dois «ministérios» de uma única sociedade cristã... ... É no contexto da luta do papa contra o imperador Henrique IV que se situa essa palavra de Gregório VII: «**Ecclesia non est ancilla sed domina**», "a Igreja não é serva mas senhora". Palavra que se deve entender em relação com o contexto histórico (tratava-se de sacudir a tutela, ou a dominação, da potência temporal), mas que não deixa de ser embaraçosa, por representar, materialmente, o contrário do princípio evangélico: **non dominari sed ministrare**, "não dominar mas servir".*

Aqui te ficam umas pistas para tua reflexão - como também orientam a minha: na verdade, é a todos nós, cristãos batizados, que compete essa abertura ao Espírito Santo para, em comunhão, irmos renovando a face da Igreja...

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira

in CARTAS DE CAMILO MARIA DE SAROLEA

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-de-camilo-maria-de-sarolea-711335>

«sacudir a poeirada imperial que se foi depositando, desde Constantino, no trono de São Pedro?». João XXIII